

Papeando com Márcia Leite

Por Ana Carolina de Freitas, Kátia Barros de Macedo,
Mauro Maciel Simões, Natália Elisa Lorensetti
Pastore e Taís Cristina Veeck¹



Márcia Leite. Foto: Divulgação/Editora Pulo do Gato

Márcia Leite é escritora, tradutora e editora, que nasceu, cresceu e construiu sua vida pessoal e profissional na cidade de São Paulo. No ano de 2016, completou 30 anos de carreira como escritora de livros para crianças e jovens, tendo publicado cerca de 40 obras em diversas editoras, alguns deles premiados e integrantes de vários programas de leitura governamentais e institucionais. Alguns podem ser destacados, como os livros *Do Jeito que a Gente é* e *Olívia tem Dois Papais*, que foram finalistas do Prêmio Jabuti nas categorias Juvenil e Infantil, respectivamente. A autora recebeu o selo Distinção Cátedra de Leitura da UNESCO – RJ com a obra *Poeminhas da Terra*, também contemplado no programa nacional *Leia para uma criança*, da Fundação Social Itaú. Também ganhou o Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira na categoria juvenil, com o livro *Aqui entre nós*, que também recebeu o selo *Altamente Recomendável para Jovens* pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e foi traduzida para o alemão. Márcia trabalhou mais de 30 anos como professora e assessora pedagógica na área de língua e literatura, vendo a escola como

¹ Mestrandas e mestrando na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

um espaço de aprendizagem, diálogo e reflexões. Somada a essas experiências, temos a participação como coautora na publicação de três coleções didáticas na área de Língua Portuguesa.

Ainda, a paulistana é sócia-fundadora (com Leonardo Chianca) e diretora editorial da Editora Pulo do Gato. A pequena e premiada editora independente, fundada em 2011, tem em seu catálogo livros para leitores em formação e para formadores de leitores. Durante a conversa, Márcia afirmou que sua experiência como editora e autora a estimulou, profissionalmente, a se aventurar na tradução de textos literários para crianças, sempre pela Pulo do Gato. Abaixo, a personalidade explica um pouco mais sobre sua relação com a tradução e o motivo de ter traduzido a obra colombiana *Todos se Burlan*.

Quais os critérios para a publicação das obras traduzidas da editora Pulo do Gato?

São os mesmos critérios que utilizamos para a publicação de todas as obras, sejam elas traduzidas ou produzidas por nossa editora. Procuramos analisar as características literárias e estéticas de cada livro, considerando a diversidade de estilos de seus autores e ilustradores, a variedade de linguagens, o tratamento e originalidade na abordagem dos temas; a qualidade artística dos projetos visuais, dos formatos... Desejamos que cada livro seja uma experiência única e diversa de leitura, e que não se esgote ao chegar à última página, ao contrário, convide a novas e novas leituras, levando sempre a novas descobertas.

Como você se deixou traduzir?

Talvez tenha sido a necessidade e o desejo de me aproximar e cuidar mais “intimamente” do processo da edição do livro que escolhemos para publicar. Necessidade algumas vezes ligadas a prazos ou recursos financeiros, e desejo por estar afetada pela obra a ponto de arriscar um envolvimento e cuidado maior com o texto, que naturalmente a tradução oferece.

Quais línguas você traduz?

Faço pequenas traduções apenas da língua espanhola. Fiz duas aventuras em outras línguas, mas com insegurança. Não me considero tradutora profissional, ou seja, não faço

traduções para outras editoras, não estudei para esse ofício – que tanto prezo - e me arrisco apenas nessa responsabilidade para a editora Pulo do Gato, sempre avaliando se poderei contribuir para a tradução da obra com meu repertório de escritora de literatura para crianças e jovens.

Você tem um método de tradução definido? Como você o desenvolveu?

Não tenho um método. Sigo minha intuição leitora e alguns “procedimentos”. Leio o texto verbal e visual (sempre é importante reconhecer que no livro ilustrado a imagem é narrativa e também está contando a história) inúmeras vezes, sinto o ritmo, procuro identificar marcas de estilo, a relação (ou não) sonora da escolha lexical.... Acredito, pelo menos eu persigo esse propósito nas experiências que vivi como tradutora, que traduzir literatura é oferecer a um leitor de outra língua uma experiência que o talvez leitor da língua original do autor teria. A ilustração também é texto a ser lido pelo leitor, nesse caso, o tradutor. Em um bom livro ilustrado, as imagens não são acessórias nem dispensáveis. Elas compõem junto ao texto o sentido integral do livro. Há livros em que a ilustração e o texto correm paralelos, sem hierarquia. O tradutor não pode fechar os olhos ao sentido das imagens assim como não pode fechar os ouvidos à musicalidade da língua.

Quais recursos tecnológicos você usa para traduzir e até que ponto eles auxiliam ou dificultam seu trabalho?

No caso da língua espanhola, utilizo o dicionário virtual da Real Academia Espanhola e o María Molinero, impresso. Tradutores automáticos me atrapalham mais que ajudam, pois o aplicativo do espanhol para o português quase sempre nos provoca ciladas.

Porque você decidiu traduzir a obra *Todos se Burlan*?

Pelo mesmo motivo descrito acima [na primeira pergunta], e já havia traduzido outro livro de Dipacho (*A viagem dos elefantes*). No caso desse título, especificamente, cheguei a conversar com o autor, quando estive no Brasil, sobre a melhor escolha para a tradução da palavra burlar. Sugeri que usássemos o verbo “zoar”, um equivalente bem coloquial, que tem um sentido mais brincalhão que pejorativo.

Você encontrou problemas de tradução no processo? Se sim, quais estratégias você usou para solucioná-los?

Geralmente o problema é, como se brinca no meio editorial, traduzir sem trair. Sim, traduzir é trair, mas há diferentes tipos de traição. Para mim o mais complicado é trair a voz [o estilo] do autor. Você pode até encontrar uma palavra ou expressão que preserve a intenção original do autor quanto ao sentido, sonoridade e função, mas se corrompe o estilo de “dizer”, o “como” essa palavra foi empregada, que é o que o autor tem mais de seu, essa é para mim a maior traição e dificuldade. Não posso falar por outros profissionais, nem sou especialista, mas procuro, antes de me colocar no papel de quem está traduzindo determinada obra, colocar-me no papel de leitora. E não existe um texto literário que tenha o mesmo significado para diferentes leitores, ou que repercuta da mesma maneira, ou que provoque a mesma escuta. Creio que o tradutor também empresta ao texto a escuta do leitor que ele foi/é do texto. Daí a importância do tradutor desenvolver uma genuína empatia com a obra, já que será por meio da sua voz que o texto falará outra língua. Insisto, não basta apenas saber bem a língua, há que se saber também as palavras não ditas do texto, o que está nas entrelinhas.